

## Forget-me-not

Como noutros tempos dispunha as cartas do Tarot (eram sempre as mesmas, o Louco, a Papisa, a Morte, a Lua) agora escrevia versos soltos no caderno branco tentando ler nas palavras obscuros sinais.

«God knows I know the faces I shall see.»

Era uma frase terrível, por vezes acordava com ela nos lábios e uma sensação de medo difícil de definir.

«I do not know what it is about you that closes and opens...»

Esta era mais como uma canção, apetecia-lhe cantá-la baixinho quando passeava pelas ruas da cidade próxima ou pelos bosques que rodeavam a quinta.

Levantou-se da secretária e meteu o caderno na gaveta. O caderno que abria de vez em quando com a esperança de que surgisse uma história...

Talvez não voltasse a escrever.

Mas isso não era demasiado importante.

Abriu a janela e estendeu os braços para fora, sentindo o sol, o vento, os cheiros do jardim.

Ao longe, entre as árvores, via-se a casa velha onde Tom trabalhava o dia inteiro.

— Amor — disse.

Encontrara-o aos vinte e nove anos, quando tinha a idade das suas personagens.

— O terceiro homem.

Aos dezanove, conhecera um pintor dez anos mais velho. Era uma menina, então, uma menina que sonhava com vestidos de noiva e bebés, uma vivenda onde cresciam lilases no alpendre e um jardim nas traseiras com um poço e um banco de pedra.

No princípio fora sua modelo, depois sua amante. Ele não queria casar e mais tarde ela percebeu que isso também não lhe interessava, nem os bebés, nem os bordados que fazia na adolescência.

Escrevia contos que publicava em revistas: histórias policiais, fantásticas, de ficção científica, de piratas... era quase como um jogo infantil, queria experimentar todos os géneros. Mas por vezes surgia um elemento incompreensível que as tornava mais densas, perturbantes.

Aos vinte e quatro conhecera um outro pintor, cinco anos mais velho e apaixonara-se por ele. E pelos seus quadros que eram manchas de azul e cinzento, onde apareciam formas parecidas com fetos ou pássaros recém-nascidos.

Durante alguns meses dormira com os dois, por vezes com ambos ao mesmo tempo (nunca esqueceria aquela sensação de estar perdida entre dois corpos, o regresso às trevas, a carne quente, o pulsar do sangue...). Depois fora viver com o segundo amante, que a não usava como modelo (não usava ninguém como modelo) e lhe deixava todo o tempo do mundo para escrever as suas histó-

rias (histórias cada vez mais estranhas que já não tentava perceber).

Publicara dois livros de contos e uma pequena novela.

E quando tinha vinte e nove anos, numa exposição, encontrara Tom.

Ele tinha a sua idade. Não era moreno como os outros mas louro, cabelo louro-escuro, olhos azuis.

Perdera a noção do que lhe estava a acontecer. Lembrava-se vagamente de fazer a mala enquanto alguém nas suas costas lhe dizia que estava louca, que não podia ir embora assim. Lembrava-se de um vestido de noiva, do corpo justo bordado a pérolas e da saia de tule, do seu cabelo castanho-dourado puxado para trás, de beijos, muitos beijos, de uma viagem.

E depois acordara numa ilha desconhecida, numa casa enorme escondida num jardim onde cresciam plantas de que aos poucos aprendia os nomes, camélias, magnólias, urze-de-neve, rododendros... e havia poços, e uma capela abandonada...

Afastou-se da janela e tirou o caderno da gaveta da secretária. Abriu-o numa página qualquer e com letra hesitante escreveu um verso, o que a perseguia ultimamente e que não queria escrever, por medo, medo puro...

«I have been here before.»

---

Despiu os *jeans* velhos, a camisola branca, as botas.

Fora a sua roupa habitual durante anos. Quando fazia muito frio, um casaco preto; com o calor, por vezes vestidos curtos de tecido fino, sandálias rasas.

Depois de viver com Tom, comprara alguns vestidos compridos, de que ele parecia gostar.

Descobrira um inesperado amor por jóias, jóias antigas, com pedras verdes ou azuis. Procurara-as por instinto em lojas escuras que cheiravam a incenso, onde se perdia tardes inteiras, como antes nas livrarias ou nos alfarrabistas.

Enfiou um vestido verde, sem mangas, que lhe chegava aos tornozelos. Escolheu um colar preto, de cobre velho, uns pingentes com pedras verdes.

Um anel de prata, com desenhos que pareciam símbolos, caracteres de uma língua desconhecida.

Sentou-se à frente do espelho. Sobre a cómoda estava um jarrão com rosas vermelhas e algumas hastes de urze-de-neve.

Puxou o cabelo para trás e tentou fazer uma trança. Mas o cabelo castanho-dourado era curto de mais, mal lhe roçava os ombros e a trança desfez-se entre os seus dedos.

Levantou-se com um gesto brusco e quase arrancou o vestido do corpo.

O seu corpo.

«Isto é o meu corpo...»

As formas redondas, os seios pesados, a cintura fina, as pernas musculadas.

Passou as unhas pelo peito.

Não se parecia com «ela».

«Ela». A mulher dos seus contos.

Era sempre a mesma. Demorara algum tempo a descobri-lo.

E durante anos tentara adivinhar o seu nome...

«Ela» era alta, magra, «waif-like», uma figura de John William Waterhouse, uma Lady of Shalott de cabelo comprido, ruivo, que lhe caía sobre os seios pequenos.

«Ela» sentava-se à frente do espelho e entrançava os cabelos, com as mãos longas e finas.

E o homem aproximava-se e reflectia-se no espelho. Era alto, magro, de cabelo preto e olhos cinzentos, era sempre o mesmo (e ela não sabia o seu nome...).

A história também era sempre a mesma... Não importavam os cenários, os factos, as palavras... desde o princípio escrevera sempre a mesma história.

Um homem e uma mulher (aquele homem e aquela mulher) conheciam-se, amavam-se... e depois um deles matava o outro.

Sempre.

E era quase como se não soubessem porquê.

— Eles estão tão perdidos como eu — disse baixinho.

Escrever era como mergulhar as mãos em argila (algo de sensual e assustador), criar formas que depois voltavam à massa amorfa, ao caos, ao início; e surgiam de novo, durante algum tempo, revelavam-se e desapareciam...

Começava a anoitecer. Um crepúsculo vermelho entrava no quarto. Lá fora o jardim também estava vermelho, infernal.

O seu corpo tornava-se vermelho...

E Tom amava aquele corpo. Como ela amava o dele, embora por vezes lhe parecesse estranho, desconhecido.

Pensou que não queria mais escrever. Deixaria os seus fantasmas informes na massa (branca), no nevoeiro.

— De onde nunca deviam ter saído...

Só queria estar com Tom, olhá-lo com a incredulidade do primeiro dia.

Tactear-lhe o rosto com mãos de cega. O corpo, como se nunca tivesse visto um corpo.